

ENSINO TECNOLÓGICO

Daniel Nascimento e Silva, PhD
Professor e pesquisador do IFAM e Presidente da FAEPI

A forma através da qual uma sociedade é ensinada influencia o seu modo de vida. Há diferenças substanciais entre a sociedade amazonense e a europeia, dentre outros motivos, porque a forma como os cidadãos europeus são ensinados é diferente da maneira que o fazemos aqui. O objetivo deste artigo é mostrar que o ensino informacional causa o atraso da nossa sociedade, ao invés de um ensino tecnológico.

A educação é dever do Estado e da família, mas a instrução é responsabilidade da escola. Instruir é levar o esclarecimento, a luz do conhecimento às trevas da ignorância, mas sempre com uma finalidade: que o cidadão viva bem e siga o caminho do bem. Infelizmente, quase todas as nossas escolas não fazem isso na prática. O que nossas escolas fazem é transmitir informações, ao invés de lidar com conhecimentos.

Deivison (nome fictício) é aluno de uma escola municipal do bairro Petrópolis. Nas suas aulas de química tem tido a informação de que os átomos são feitos de prótons, nêutrons e elétrons. Estudioso, dedicado, remexe livros didáticos de química e páginas da internet e se impressiona com os diversos tipos de formatos de átomos. Isso resume o ensino que lhe é dado.

João Paulo (nome fictício) estuda no Instituto Federal do Amazonas, campus Distrito Industrial. Nas aulas de química, é um aluno regular, com aptidão e dedicação mediana. Mas manuseia os elementos químicos de uma forma tal que lhe permite criar coisas. Ao invés de informação, João Paulo é treinado no manuseio daquilo que lhe é ensinado. Aqui o aluno não vê as coisas apenas nos livros e internet, ele interage com aquilo que está aprendendo para que possa agir sobre a realidade, transformando-a. É esse o ensino tecnológico.

Uma sociedade dita desenvolvida tem uma quantidade considerável de cidadãos capazes de manusear o que aprenderam para que produzam as soluções para os seus problemas e possam, dessa forma, vencer seus desafios da vida. Da mesma forma, uma empresa que tem uma quantidade razoável de funcionários capazes de lidar com adequação das ameaças e

oportunidades do mercado tem muito mais probabilidade de ser bem sucedida do que aquelas carentes.

Em 2011, Júlio Cesar Tanaka Saraiva, aluno do ensino médio integrado do curso de eletrônica do IFAM, campus Distrito Industrial, foi premiado com o primeiro lugar na Feira Brasileira de Ciência e Engenharia, evento que reúne anualmente os melhores alunos do país de ensino tecnológico. Em 2012, foi a vez de Rafael Oliveira de Souza e Nadson Garcia Cavalcante ocupar lugar entre os geniais brasileiros que se preparam para a liderança tecnológica nacional e descortinar os horizontes do desenvolvimento do País.

Esses três exemplos de sucessos mostram que o ensino tecnológico tem uma diretriz de alteridade: está voltado para o suprimento de alguma necessidade social. O invento de Rafael Souza ajudará os deficientes visuais nos seus esforços de aprender, é uma tecnologia educacional, enquanto que o de Nadson Cavalcante protegerá os banhistas dos inúmeros acidentes a que são submetidos diariamente. Neste sentido, o ensino tecnológico é um compromisso social em busca de resolver seus problemas. É um ato de amor.

Aprender é uma atitude amorosa, prazerosa. Já dizia um famoso filósofo grego que aprender é o maior dos prazeres para todo e qualquer indivíduo. Mas o amor e o prazer só são possíveis quando se sabe o foco, a direção, o destino do aprendizado. Se alguém simplesmente estuda química, física ou qualquer outra “disciplina” sem um foco, sua motivação é decorrente puramente do seu interesse em aprender; se, por outro lado, estuda para, digamos, produzir um tipo diferente de água, sua motivação é outra. No primeiro caso, apenas irá se informar; no segundo caso sua motivação é aguçada pelo desejo de demonstrar que é capaz de fazer a água pretendida.

No ensino informacional, o aluno é o receptáculo das informações; no ensino tecnológico, manuseia o conhecimento tendo em vista a produção de alguma coisa. O ensino informacional trata, digamos, de “fococas”, tal como saber que a mãe de Dom João VI era louca; o ensino tecnológico lida com relações de causa-efeito e explica porque as coisas são do jeito que são. Saber que Dona Maria era louca nada acrescenta nos desafios de lidar com a loucura; conhecer as causas da loucura de Dona Maria me permite compreender a loucura das pessoas que vejo nas ruas. É o ensino pela ação.

O ensino tecnológico, portanto, é o tipo de ensino que sociedades, estados e países hoje considerados desenvolvidos descobriram e praticam há bastante tempo. O ensino informacional, que predominam em praticamente todas as escolas municipais e estaduais do Amazonas, é o responsável pelo nosso atraso, da nossa sociedade, porque não tem compromisso com um propósito concreto. A falta de foco provoca a desmotivação e o desinteresse do aluno, que o faz abandonar e considerar o estudo sem sentido, pura perda de tempo. Pura perda de vida.